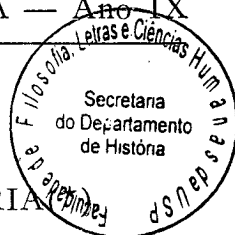


## CONFERÊNCIA

### HERMANN HESSE E A HISTÓRIA



Há duas frases de Nietzsche que, conjugadas, nos levam imediatamente a compreender a relação profunda existente entre o poeta e a História. A primeira delas assim se enuncia:

“Corresponde à essência do científico encarar em si mesmo o que é próximo e cotidiano; mas quando pretendemos compreender o mais cotidiano de tudo, o presente, então tornamo-nos historiadores”.

Na segunda frase lemos o seguinte:

“Sentir historicamente significa saber que, de qualquer modo, nascemos para sofrer, e que todo nosso esforço, na melhor das hipóteses, pode apenas levar-nos ao esquecimento da dor (1)”.

Acreditamos não haver dúvida acerca da associação íntima entre o sentir e o compreender: só compreende realmente quem sente. Mais ainda, no nosso caso, de compreensão do presente: quem com êle se identifique, vivendo-o com todo o seu ser, entregando-se totalmente à maior soma possível de experiências, sofrendo, não se fechando a coisa alguma, mas em tudo vendo uma oportunidade para a auto-realização no plano em que se desenvolve sua experiência. Ora, não será justamente esta a característica de um legítimo poeta? — Não consiste sua função em reconhecer, exprimir e sofrer todos os sofrimentos correspondentes à condição humana, especialmente sob as formas por ela revestidas no presente? (2) Não é o poeta comparável a um sismógrafo, de cujas oscilações podemos ler a própria consciência da época? (3) Esta é, aliás, a opinião de Hermann Hesse, que nos fornece incisivamente, assim, o elo para ligarmos as duas frases de Nietzsche; concluímos, portanto, caber ao poeta a maior capacidade de sentir historicamente, através da identificação com o seu tempo. O poeta é, nestas condições, uma vítima

(\*) — Palestra proferida sob os auspícios da Sociedade de Estudos Históricos em 1957 (Nota da Redação).

(1). — *Gesammelte Werke, Musarion Ausgabe*, II, p. 30; VI, p. 330.

(2). — Hesse, *Briefe*, p. 84.

(3). — *Idem, idem*, p. 184.

ma da História, talvez mesmo a maior de tôdas, dada a sua capacidade de sofrimento; o poeta é, além disso, o melhor intérprete de um momento histórico, constituindo-se no testemunho fundamental do sofrimento do presente e da pressão do passado, à qual todos estamos submetidos. Muito mais rica em conteúdo histórico será certa passagem do "Fausto", ou uma poesia de Shelley, por exemplo, do que tratados, memórias ou documentos de toda ordem. Um esclarecimento impõe-se, todavia. Referimo-nos à História e corremos o risco de sermos mal compreendidos, caso não nos detenhamos um instante para esclarecer nossa posição frente ao assunto. Julgamos estéril, e pessoalmente temos aversão, pelo encarar-se a História como um ramo de conhecimento deslocado justamente de seu elemento fundamental e que é o homem, considerando naquilo que mais o distingue. Bem entendido: não tanto o homem que come, bebe, veste-se e está presente (embora às vezes não pareça), nos estudos de História Econômica; não o que faz guerra e conclui tratados, nem o que inventa ou produz no campo científico ou artístico. Mas, especialmente, o homem como problema a ser resolvido, em choque com a época e consigo mesmo, dispondo de uma fração de tempo para a solução de um problema eterno. Aquêlê homem encarado como uma "síntese de infinito e de finito, de transitório e de eterno, de liberdade e de necessidade", colocado por Kierkegaard diante do dilema:

"Não queres ser um poeta, então não há outro caminho para ti, além do que te indico: desespera! (4)".

Cem por cento indivíduo, voltado para o seu drama, sofre êle, entretanto, em função de todos os homens do presente e do passado; o seu problema de busca da harmonia íntima, que abrange também a harmonia com o mundo, é um problema do âmbito da História. E não foi por outro motivo que justamente um poeta, Novalis, assim se expressou:

"O homem é o maior mistério que existe. A solução dêste infinito problema compete à História universal".

À História, portanto, cabe grande parte do papel de sua libertação; por isso só a compreendemos como ramo do conhecimento digno de fé, de esforço, de dedicação, quando vista neste plano humano, quando de seu estudo resultem valores vivos capazes de servir à solução do problema básico do homem, abrangido agora tanto no sentido individual como coletivo, pois as diferenças desa-

---

(4). — *Samlede Værker*, II, p. 190, ap. *Kierkegaard-Brevier*, Insel Verlag, p. 30.

parecem além de um certo ponto; em poucas palavras, talvez pudessemos dizer consistir este problema na harmonização entre o tempo que passa e a eternidade. E é deste ponto de vista que pensamos poder encarar a relação entre o poeta Hermann Hesse e a História universal. Porque o drama do “Lobo da Estepe”, acreditamos, pode ser considerado, acima de tudo, como um drama da esfera da História. E esta falharia à sua mais elevada missão se fôsse condenada a permanecer como uma oportunidade apenas para a organização de coleções de conhecimentos relativos ao passado.

\*

\*     \*

Diversas maneiras poderiam ser indicadas, ao tentarmos iniciar nossas considerações, no caso especial de Hermann Hesse. Uma, entretanto, nos parece demasiado atraente, pela amplitude dos horizontes e pela riqueza de conteúdo que a caracteriza: trata-se da que nos leva a principiar pelo exame da posição do poeta frente ao tempo. Tal caminho surge-nos como o mais aconselhável, também, porque o problema preocupou realmente o espírito de Hesse desde o início de sua carreira literária, como nô-lo demonstra o título de seu primeiro trabalho publicado, composto em Tuebingen, entre 1897 e 1899: *Eine Stunde hinter Mitternacht*.

“No que concerne ao título”, diz-nos o autor, “sua significação era-me bem clara, mas o mesmo não sucedia à maior parte dos leitores. O reino em que eu vivia, a terra do sonho de minhas horas e dias de criação poética, eis o que eu pretendia indicar: um reino misterioso, situado algures entre o tempo e o espaço (5)”.

Desde o início, assim, o esforço de fuga apresentado sob sua forma mais intensa na ânsia de escapar ao tempo. Poderíamos, é verdade, limitar o alcance destas palavras, tomando-as como o produto de uma jovem mentalidade neoromântica. Mas, embora não discutindo a contribuição deste fator romântico, é impossível considerá-lo aqui como único, à vista de toda a produção literária ulterior, que surge, nas suas mais ousadas e impressionantes criações, sempre em ligação com o problema do tempo. Aliás, não será demais lembrarmos toda a participação oriental na formação de Hesse. Na Índia, especialmente, pode ser encontrado um importante elemento conduzindo ao esforço e à ânsia de superação do tempo, de libertação das contingências do mundo que nos cerca, de realização dos ideais do homem eterno, nos seus valores absolutos.

---

(5). — *Fruehe Prosa*, p. 13.

Tomando-se quase ao acaso, encontraremos já nos *Upanishads* o episódio de Nachiketa, buscando o reino da morte para saber como agir para colocar-se, não só além do bem e do mal, da causa e do efeito, mas também do passado, presente e futuro (6). Tôda a disciplina do *Iogí*, por sua vez, tem como objetivo a libertação total do espírito em relação a tudo que o prenda, do tempo em primeiro lugar, portanto; e o mesmo se pode dizer do *Nirvana*. Mais profundas, então, deveriam ser as raízes das idéias de Hesse, do que possa parecer a quem pretenda interpretar seus primeiros trabalhos exclusivamente através do prisma neoromântico.

Não podemos, por outro lado, deixar de recorrer a outro aspecto da questão, para podermos compreendê-la: justamente o aspecto ligado à fase em que se desenvolveu a juventude do poeta, tôda ela incluída no período situado entre 1870 e 1914, quando as ameaças de guerra não impediam, todavia, que se sentissem e gozassem as vantagens da paz. E Hesse, ainda que sonhando com “uma hora além de meia noite”, apegava-se, talvez inconscientemente, àquela paz, àquêl conjunto de condições que permitia a qualquer um entregar-se aos seus problemas individuais, à realização de si mesmo, sem grandes grandes obstáculos derivados do processo histórico em fluxo. Tratava-se daquela atmosfera em que o Ocidente *s’abandonnait à son nonchaloir* e que encontrou uma de suas mais expressivas manifestações na obra de Hans Thoma, o pintor da *suesser Friede*, êle próprio suábico, como Hesse, aliás. No romance *Peter Camenzind*, publicado em 1904, já de caráter bem diverso dos primeiros trabalhos do poeta, sente-se também todo o reflexo do ambiente então dominante na Europa; permitia-se a criação de um herói repleto de conteúdo humano, entregue à natureza e tendo como suas favoritas as nuvens. Mas, mesmo agora, evidentemente não é por acaso que deparamos com uma passagem como esta:

“(As nuvens) são o eterno símbolo de tôda peregrinação, de tôda busca, aspiração e ânsia de repouso. E assim, à sua semelhança, quando tímidas, anelantes e teimosas mantêm-se no ar, também tímidas, anelantes e teimosas vagam as almas dos homens, suspensas entre o tempo e a eternidade (7)”.

O problema do tempo continua a evidenciar-se, portanto, mas sem a existência pròpriamente de um conflito aberto entre o poeta e o mundo à sua volta. Sabemos de sua vida escolar conturbada, de suas dificuldades de adolescência e dos primeiros tempos de ju-

---

(6). — *Katha Upanishad*, I, 2, 14, in *Hindu Scriptures* ed N. Macnicol.

(7). — *Peter Camenzind*, p. 22.

ventude, é certo. Mas tudo isto, justificando um esforço de fuga do tipo do *Camenzind*, era insuficiente para gerar um choque com um mundo cuja aparência, sob diversos aspectos, caracterizava-se por um traço idílico. Havia mesmo, como dissemos, apêgo a êste mundo, apêgo confessado expressamente mais tarde, em meio a um misto de saudade e amargura; em 1956, por exemplo, ao tratar de duas poesias datadas de 1903, houve oportunidade para as seguintes palavras:

“Elas evocam coisas passadas, e o fato do passado conseguir encantar-nos e comover-nos, a nós, velhos, não deriva exclusivamente da circunstância de termos sido outrora jovens e belos. Não. Vivíamos realmente no paraíso, não apenas no paraíso da juventude e das loucuras juvenis, mas também no paraíso de uma verdadeira paz, a qual, para nós felizardos, deveria ainda durar dez e mais anos, antes de desaparecer, aparentemente para sempre, em 1914 (8)”.

O mundo, assim, era lugar de prazer, e viver era agradável. Era possível a um poeta, em certa medida, ignorar a História dêste mundo, ou encará-la, não como uma realidade viva, mas como algo distante, longínquo, ou então, simplesmente, como um ramo do conhecimento. Talvez pudéssemos mesmo recorrer ao vocabulário alemão e dizer que para Hesse, antes de 1914, existia a *Historie*, mas não a *Geschichte*. Existia, isto é, a noção da narrativa histórica, do estudo da matéria, mas não o sentido do processo histórico, a História em fluxo contínuo, permanentemente acontecendo à nossa volta. No próprio *Peter Camenzind* há referências à História, ou melhor — e isto pode ser muito significativo — Camenzind, desde cedo, é notado pelo seu professor como uma vocação para o estudo da matéria; entrega-se, realmente, a tal estudo, o único a atraí-lo de fato. Dedica-se à leitura de obras sôbre História Geral e sôbre o método histórico, vai às fontes e às monografias relativas aos últimos séculos da Idade Média na França e na Itália, aprendendo, então, a conhecer São Francisco de Assis, um de seus prediletos entre os homens. Dirige-se à Itália e, em Florença, Perusa e Assis sente crescer seu interêsse pela História. Mas é sempre o personagem que a toma como objeto, não o que se identifica com ela, vivendo-a, sentindo-a como algo de inevitável, como o único plano em que o problema humano, o da compreensão da própria vida, o da integração num plano supra-individual através da superação das contingências temporais, pode ser encarado frontalmente e ter uma possibilidade de solução. Para que isso acontecesse, torna-

---

(8). — *Wiederbegegnung mit zwei Jugendgedichten* in *Westermanns Monatshefte*, setembro de 1956, p. 28.

va-se necessário um trauma, resultante de um brusco choque com o processo histórico, capaz de despertar o poeta dos devaneios neoromânticos, de revolucionar sua vida, colocando-o frente a frente com a existência apresentada sob a forma de um problema. Tal foi o papel desempenhado pela guerra de 1914. Ninguém melhor do que o próprio Hesse para falar a êste respeito:

“Minha vida, durante um considerável tempo, correria de maneira calma e agradável... Tudo parecia estar em ordem. Ai chegou o verão de 1914 e, súbitamente, tudo mudou de aspecto, tanto dentro como fora de mim. Patentou-se aos meus olhos que o bem-estar de até então repousara em solo inseguro, começando agora a fase difícil, a fase da grande educação. Irromperam os assim chamados grandes tempos, e não posso dizer terem êles me encontrado melhor, mais preparado e mais digno do que a todos os outros. O que outrora me distinguiu dêstes outros, era apenas a falta daquele razoável consólo de que êles dispunham: o entusiasmo. E por isso voltei novamente para mim e para o conflito com o mundo ambiente, fui novamente mandado para a escola, fui, mais uma vez, coagido a desaprender a satisfação comigo e com o mundo, e foi sòmente através desta experiência vital que me senti atravessando o limiar da iniciação na vida (9)”.

E, mais adiante:

“Novamente via-me em conflito com um mundo frente ao qual até então vivera em paz. Novamente tudo saía errado, novamente sentia-me só e miserável, novamente tudo quanto eu dizia e pensava era pelos outros interpretado de maneira hostil. Mais uma vez, entre a realidade e o que eu julgava desejável, racional e bom, abria-se um desesperador abismo (10)”.

Várias são as passagens e as poesias onde se reflete a crise profunda que abalou Hesse, crise da qual deveria sair um novo poeta, muito mais pujante do que o anterior, aliás. Mas um artigo, especialmente, é digno de nota, a começar pelo título, que outro não é senão *História Universal*. Descreve-se aí, em linhas gerais, a maneira segundo a qual, criança ainda, Hesse tomara contacto com a matéria:

“História universal surgira como algo infinitamente venerável, distante, nobre, poderoso, algo como Jeová e Moisés. História Universal existira, fôra outrora presente e realidade, trovejara, relampejara e, desde muito, passara, tornando-se solene e distante, estava nos livros e era aprendida pelos alunos. O último episódio da Histó-

(9). — *Traumlaehrte*, pp. 103-104.

(10). — *Traumlaehrte*, p. 107.

ria Universal a chegar aos nossos ouvidos de meninos era a guerra de 1870 (11)".

Pouco a pouco, todavia, o jovem Hesse passara a desconfiar da beleza do heroísmo narrado pelos professôres, como se depreende de outra passagem do mesmo artigo:

"Durante muitos anos pude deixar que o mundo seguisse o seu caminho, o mesmo fazendo êle comigo. E tudo poderia ter ficado neste pé. Mas, repentinamente, lá estava de novo a História Universal! (12)".

Isto é, irrompera a guerra de 1914, com tôdas as suas decorrências. Em meio ao sofrimento e à depressão moral, voltou-se êle para si mesmo, repudiando o mundo, afirmando existirem apenas no íntimo do homem valores dignos de serem vividos e deixando bem claro, ainda neste artigo, publicado em 1918, sua impossibilidade de "pensar històricamente".

Note-se: o presente é estigmatizado numa publicação intitulada *História Universal*. Todo o passado, por sua vez, é encarado à luz do presente detestado, transferindo-se para tôda a História o desajuste entre o poeta e o mundo ambiente. Possivelmente tivéssemos aí o resultado de cogitações relativas ao problema do tempo, de esforços no sentido da realização de valores atemporais numa esfera íntima, onde passado, presente e futuro perdessem a razão de ser. Aliás, referindo-se irònicamente às grandezas do espetáculo proporcionado pela guerra, é sua opinião só poderem elas apresentar um sentido para os que "pensem històricamente" e saibam terem existido outros "grandes tempos".

"Para nós, todavia, o tempo não podia parecer maior ou menor do que qualquer outro. Pois, no mais profundo e mais íntimo de nós mesmos, não vivíamos nele (13)".

Daí, então, a impossibilidade de pensar històricamente, o conflito com o mundo e sua projecção a todo o passado abrangido pela História Universal. A capacidade de sentir em si o destino de tôda a humanidade, de sofrer todo o sofrimento jamais existente, sem considerações de tempo ou espaço, êste traço típico do poeta, manifesta-se agora expressamente:

"Aprofundara-me em mim mesmo e no meu destino, mas sentindo, por vêzes, estar em jôgo aí tôda a sorte do homem, considerado em geral. Encontrei tôda guerra

---

(11). — In *Krieg und Frieden*, p. 101.

(12). — *Idem*, p. 104.

(13). — *Idem*, p. 106.

e tôda volúpia de morte do mundo, tôda sua leviandade, tôda sua ânsia de prazer, tôda sua covardia dentro de mim mesmo, tive de perder a consideração para comigo próprio, precisei superar o desprezo que eu me inspirava; nada mais me restou, além de esgotar até o fim o espetáculo proporcionado pelo caos (14)".

A viagem pelo inferno através do seu íntimo, conforme suas palavras, levando-o a uma desesperada auto-análise, acabou por quebrantá-lo, forçando-o a recorrer, finalmente, à ajuda da psicanálise, por intermédio do Dr. Lang, um discípulo de Jung, nos anos de 1916 e 1917.

"Era duvidoso se eu passaria pela prova", diz-nos êle, "se eu não sucumbiria neste conflito que transformara num inferno minha vida, até então mais feliz do que infeliz e caracterizada por um êxito superior aos méritos (15)".

Levando-se em conta a maneira intensa segundo a qual Nietzsche sempre o preocupara, não podemos evitar aqui a lembrança de uma poesia do filósofo, onde se lêem os seguintes versos:

"Agora, só contigo mesmo, bi-partido no próprio saber, entre cem espelhos, falso diante de ti mesmo, incerto, em meio a cem lembranças, cansado em cada ferida, sofrendo o frio de cada inverno, estrangulado na própria corda. Conhecedor de ti mesmo! Carrasco de ti mesmo! (16)".

E não é por mero acaso que evocamos tais versos. Encontramo-los, quase sem sombra de dúvida, colaborando na inspiração de um conto, publicado em 1916, em plena crise, portanto, e que reputamos de grande significação para a carreira de Hesse e para o nosso caso, em particular. Trata-se do *Caminho difícil* (17), onde o autor é guiado por alguém através de um difícilíssimo caminho, em direção a um píncaro. Em meio às dificuldades, o guia canta "Eu quero, eu quero, eu quero", enquanto êle, Hesse, desesperado por não poder voltar, responde "Eu devo, eu devo, eu devo"; por fim, cedendo ao guia, canta também "Eu quero". A partir daí tudo se torna mais claro, surgem o céu e o sol e atinge-se o cimo da montanha. Lá, com raízes lançadas nas rochas, uma árvore, e nela uma ave negra cujo canto traduz-se nas palavras "Eternidade, Eternidade". O guia é o destino (que poderia, talvez, ser imaginado aqui sob os traços de Nietzsche), a alegoria é baseada no *Zarathustra*

(14). — *Traumfährte*, p. 111.

(15). — *Krieg und Frieden*, p. 11.

(16). — *Zwischen Raubvögeln*, in *Dionysos Dithyramben* (*Ges. Werke*, XX, p. 199).

(17). — In *Maerchen*, pp. 111-121.



e na poesia citada, e a finalidade, haurida no mais profundo íntimo do próprio poeta, é claro, mas já tendo encontrado sua expressão na obra do filósofo. O *motto* final do *Zarathustra*, “Porque eu te amo, ó Eternidade!”, é aí inegável, e o grande objetivo de libertação do homem mediante a solução de seu problema, de sua crise, é o elemento predominante. Mais uma vez, portanto, superação do tempo e solução do problema humano estritamente associadas em meio a uma crise de conflito com o mundo. Evidentemente, esta crise não passou depressa. O processo foi longo e deixou muitos reflexos, permitindo-nos distinguir vários de seus aspectos. Um deles, o do desajuste pessoal, contém-se na epígrafe do *Demian*, publicado em 1919, com palavras repletas de amargura:

“Nada mais pretendia eu tentar viver, além do que espontaneamente brotasse de mim mesmo. Por que era isto tão difícil?”

As cartas, melhor do que tudo, possibilitam-nos avaliar a intensidade do conflito. Em 1930, por exemplo, lemos o seguinte:

“Não acredito na nossa ciência, na nossa política, na nossa maneira de pensar, de crer, de nos divertir e não compartilho de um só dos ideais de nossa época. Mas nem por isso sou um descrente. Acredito nas leis da humanidade, leis milenares, e acredito que elas superarão tranqüilamente tôda a convulsão de nosso tempo (18)”.

A todo momento, de modo geral ou ao tratar de questões particulares, manifesta-se sempre a inadaptação com o mundo. Ao desajuste pessoal acrescenta-se o choque de ideais e até mesmo a hostilidade para com o cenário material da vida moderna. A êste respeito, sirva de ilustração uma crônica de 1923, intitulada *Madonna d’Ongero*; tratando de uma paisagem, deixa-se Hesse levar a considerações que nos fazem sentir o quanto lhe é avesso o incessante progresso técnico, em detrimento da beleza natural (19). Conflito, sempre conflito, assim. E, no fundo de tudo isto, aquela frase tão expressiva e rica de conteúdo:

“repentinamente, lá estava outra vez a história universal!”

Isto é, muito difícil é viver, chegar à realização de si mesmo e à obtenção da eternidade, porque existe o processo histórico, com o qual se verifica o choque do indivíduo que antes se acreditava senhor de si mesmo e livre da corrente do tempo. Da ignorância da

(18). — *Briefe*, p. 42.

(19). — In *Bilderbuch*, (*Gesammelte Dichtungen*, III), pp. 889-890. Cf. *Briefe*, p. 203.

História, se assim podemos nos expressar, e que caracterizara o período anterior à guerra de 1914, passamos à aversão consciente pelo processo histórico no presente e, daí, à aversão por todo o ramo do conhecimento subordinado ao título História. Provavelmente, Nietzsche colabora ainda aqui para formular-se de maneira clara o porquê desta aversão. A êle se deve, por exemplo, a seguinte passagem:

“O exagêro de História prejudicou a fôrça plástica da vida, determinando para o homem a incapacidade de utilizar-se do passado como de um substancioso alimento. Surgiu, assim, uma “doença histórica”, contra a qual dois remédios podem ser indicados: o ahistórico e o supra-histórico. O primeiro incluiria a fôrça e a arte de poder esquecer, levando à limitação num horizonte restrito; o segundo abrangeria as fôrças que desviam o olhar do processo histórico em curso, orientando-o para aquilo que proporciona à existência o caráter de eternidade e de impassividade, ou seja, para a arte e para a religião (20)”.

Inúmeras são as passagens da obra de Hesse a revelar-nos sua predileção pelo segundo remédio. Uma poesia, entretanto, é aqui mais digna de ser citada, levando-se em conta as repetidas referências a ela feitas pelo autor na sua correspondência, e que dão testemunho das proporções de seu significado na formação do poeta; dela, destaquemos os primeiros versos:

“Divino e eterno é o espírito. Nós, que somos sua imagem e seu instrumento, seguimos nosso caminho em sua direção; nossa mais secreta aspiração consiste em tornarmo-nos como êle, em brilhar à sua luz! (21)”.

Supra-história, portanto, com independência frente ao tempo para reafirmação da ânsia de eternidade.

\*

\* \* \*

O mesmo Nietzsche orienta-nos agora para outra série de cogitações. No prefácio às suas considerações relativas à História, não se levanta êle contra a disciplina em si mesma, mas contra a maneira pela qual a maioria a concebe, como se vê:

“Certamente, precisamos da História, mas de modo diverso daquele segundo o qual a utiliza o ocioso mal acostumado no jardim do saber, embora êste, do alto de

(20). — *Vom Nutzen und Nachtheil der Historie fuer das Leben*, in *Gesammelte Werke*, VI, p. 321.

(21). — *Besinnung*, in *Gedichte*, p. 376.

sua notabilidade, olhe com desprezo para nossas rudes e desgraçadas exigências e necessidades. Isto é, precisamos da História para a vida e para a ação, não para o cômodo desvio da vida e da ação, ou ainda, como paliativo de vida egoísta e de ação covarde e má. Somente na medida em que a História serve à vida queremos nós servi-la (22)”.

Ora, o que encontramos em Hesse, sempre à maneira do legítimo poeta, sentindo como síntese da humanidade e assim se expressando na sua obra, é o problema da vida, o esforço contínuo no sentido da superação da crise pessoal, a ânsia de harmonia consigo mesmo e com o mundo. E sempre, acreditamos, paralelamente aos aspectos de desajuste e de angústia a que acima nos referimos, afirma-se esta tendência também, traduzindo-se em capacidade e vontade de luta pela solução do problema vital num plano superior às contingências do momento que passa; o próprio Nietzsche, aliás, já dissera:

“Olha para o mundo como se o tempo não existisse: e tudo quanto é torto tornar-se-á direito (23)”.

Já no conto *Caminho difícil*, enquanto seu guia canta “eu quero”, êle responde “eu devo”, para acabar cedendo e chegando também ao “eu quero”; revela-se, aí, o aspecto positivo da vontade em meio a todos os obstáculos e desfalecimentos. Partimos da idéia de libertação do tempo para chegarmos ao choque com a época, à crise do desajuste pessoal e à aversão consciente pela História, mediante a projeção do presente a todo o passado. Tentaremos, agora, novo roteiro: a primeira etapa da solução do problema consiste, justamente, na conformância com a época em que se vive. Nietzsche, mais uma vez, é lembrado:

“Tú não mais o toleras, ao teu destino soberano? — Ama-o, pois não te resta outro caminho! (24)”.

---

(22). — *Gesammelte Werke*, VI, p. 229. Outra passagem esclarece ainda mais o pensamento de Nietzsche: *Was nicht zum Leben taugt, ist keine wahre Historie. Freilich kommt es darauf an, wie hoch und wie gemein ihr dieses Leben nehmt. Wer die roemische Geschichte durch ekelhafte Beziehung auf klaegliche moderne Parteistandpunkte und deren ephemere Bildung lebendig macht, der versuendigt sich noch mehr an der Vergangenheit als der blosse Gelehrte, der alles tod und mumienhaft laest.* (Gedanken zu einer Festschrift ueber “die Moeglichkeit einer deutschen Cultur” (Bayreuther Horizontbetrachtungen), in *Gesammelte Werke*, VII, p. 235.

(23). — *Einzelbemerkungen aus der Zeit des Zarathustra*, in *Gesammelte Werke*, XIV, p. 5. Cf. *Siddhartha*, p. 290. Ed. da *Deutsche Buch Gemeinschaft*, sob o titulo *Die Verlobung*.

(24). — *Bruchstuecke zu den “Dionysos Dithyramben”*, in *Gesammelte Werke*, XX, p. 58.

E parece-nos ser evidente em Hesse o esforço para amar o destino (25) ou, pelo menos, para acomodar-se a êle. Uma poesia, sobretudo, publicada em 1920, é particularmente interessante, por nos mostrar até mesmo a preocupação de harmonia com o ambiente material outras vêzes hostilizado; lemos nada menos do que o seguinte:

“Tu também és bela, fábrica no verde vale, embora símbolo e abrigo de coisas odiadas: busca de dinheiro, escravidão, sombrio cativo. Tu também és bela! (26)”.

E numa carta, datada de março de 1932, encontramos ainda palavras bem expressivas:

“Eu próprio tenho uma vida difícil, estou em lugar errado, sou desgastado pelos homens, ou assim me parece, ao menos. Não obstante, devo aceitar tudo e, além do meu sofrimento, sou obrigado diariamente a deixar que muito sofrimento alheio me atinja; por vêzes, durante um breve tempo, sinto que tudo isto tem um sentido, que é melhor e mais belo ser bravo e sofrer, do que levar uma vida cômoda (27)”!

Aceitação da vida, assim, do mundo em que se vive, portanto, como ambiente em que se realiza o destino. E quem reconheceu o Destino jamais pensará em mudá-lo (28):

“Aprendei a comer o pão amargo, o pão dos homens, o pão do destino (29)”.

Que a própria luta com o mundo é um dos mais elevados traços dêste destino, é o que já nos ensina o *Demian*, e é o que se desenvolve magistralmente no *Lobo da estepe*. Neste romance há o esforço de atribuir-se à vida, aparentemente sem sentido e pavorosa, um sentido novo, mediante sua articulação com algo de supra-temporal e supra-pessoal (30). Mas, do nosso ponto de vista, há outros traços a serem aí destacados: todos êles, aliás, conduzindo novamente ao problema do tempo e da História. Tal seja, por exemplo, a passagem que trata das gerações impressadas entre duas fases

(25). — Várias poesias, especialmente, confirmam-nos neste ponto. Lembremos apenas três delas: *Bei einem Abschied*, *Gebet* e *Der Pilger*, que tanto nos lembra, nos seus últimos versos, o Linceu do *Fausto*, II, 11288 ss.:

“Hab’ ich auch das Ziel verfehlt,

“Kuehn war doch die Fahrt”.

(*Gedichte*, pp. 302, 310 e 319).

(26). — *Der Maler malt eine Fabrik im Tal*, in *Gedichte*, p. 297.

(27). — *Briefe*, p. 64.

(28). — *Krieg und Frieden*, p. 150.

(29). — *Idem*, p. 174.

(30). — *Cf. Briefe*, p. 27.

históricas, denunciando a consciência da impossibilidade de dissociação entre a época e o destino individual (31). Ou, então, a da conversa entre Harry Haller e Goethe, onde volta a evidenciar-se o tema da eternidade, como se vê:

“Nós, imortais, não apreciamos a maneira de olhar as coisas com seriedade, nós gostamos é da brincadeira. A seriedade, meu jovem, é condicionada pelo tempo; surge, e este é um segredo que eu posso desvendar, de uma super-estimação do tempo. Eu também, outrora, super-estimei o valor do tempo, por isto pretendi chegar aos cem anos de idade. Mas na eternidade, como vês, não há tempo; a eternidade é apenas um momento, justamente o bastante para um gracêjo (32)”.

Mais adiante, o tempo surge novamente como um problema da personalidade, quando Pablo assim se dirige a Harry:

“Sem dúvida você já percebeu desde muito que a superação do tempo, a libertação frente à realidade, ou seja qual fôr o nome que você dê à sua aspiração, nada mais significa além do seu desejo de libertar-se de sua própria personalidade (33)”.

Todo o romance, aliás, desenrola-se na base da ruptura da unidade de tempo, pois Goethe, Mozart surgem também como personagens, enquanto que, no teatro mágico, passado e futuro confundem-se num único momento; podemos considerá-lo como presente, seguindo assim as próprias palavras de Goethe, para o qual o momento é a eternidade, contendo em si, portanto, todo o passado e todo o futuro (33a). Assim, sempre o mesmo tema de superação das limitações impostas pelo tempo, com o objetivo supremo condensado na poesia que faz parte da novela e cujo título é, justamente, *Os imortais* (34). Destaquemos dela os seguintes versos:

Quanto a nós, encontramos-nos a nós mesmos,  
No gêlo eterno onde rebrilham os astros.  
Nada sabemos dos dias ou das horas,  
Não somos homem ou mulher, jovem ou velho.  
.....  
Frio e imutável é o nosso eterno ser,  
Frio e límpido como as estrêlas o nosso eterno riso.

Um elemento fundamental faltava a Harry Haller, entretanto, para chegar a tal escopo: simplesmente viver, entregar-se à vida,

(31). — P. 38.

(32). — P. 122.

(33). — P. 247.

(33a). — Cf. *Vermasechtnis*, Vv. 28-30:

Dann ist, Vergangenheit bestaendig.

Dass Kuenftige vordus lebendig, Der Augenblick ist Ervigkeit.

(34). — Pp. 214-215.

sem saltar qualquer etapa, para realizar sua personalidade, em lugar de procurar fugir dela. Ora, a afirmação desta deficiência, transparente em todo o decurso da novela, chega no final à sua mais completa forma, com o julgamento do *Lobo da estepe*. Harry Haller é, então, sentenciado à vida. Mozart, presente, dirige-lhe a palavra:

“...pouco a pouco você compreenderá o que se exige de sua pessoa. Você deve aprender a rir, isto é o que se quer de sua parte... Você quer morrer, covarde, mas não quer viver. Com todos os diabos, viver, exatamente viver, é o que lhe acontecerá (35)”.

A vida, o mundo em que se vive, como decorrência lógica, não pode ser recusado, a nada nos podemos furtar do que nos é imposto, se pretendermos chegar à companhia dos imortais. E é disposto a enfrentar a vida que Harry Haller se despede do leitor, dizendo justamente:

“Um dia eu aprenderia a rir. Mozart esperava por mim”.

Aprender a rir significa superar o mundo sem sair dêle. E só através da maior soma possível de experiências vitais isto pode acontecer, preparando-se o espírito para o amadurecimento que conduz à libertação do tempo e à obtenção da eternidade. No *Lobo da estepe*, parece-nos, temos o ponto terminal da grande crise de Hesse, chegando a novela ao seu termo com uma visão positiva da vida. Subsistisse alguma dúvida a tal respeito, e seria afastada pelo próprio depoimento do autor, contido no postfácio à edição de 1942:

“...acima do Lobo da estepe e de sua vida problemática, eleva-se um outro mundo, mais alto, imperecível; ...ao mundo de sofrimento do Lobo da estepe opõe-se uma esfera de fé positiva, alegre, supra-pessoal e supra-temporal; o livro trata, na verdade, de sofrimentos e de deficiências, mas está longe de ser a obra de um desesperado; trata-se, isto sim, da obra de um crente (36)”.

Lembremos: a inconformidade com o presente levava à projeção das condições do momento a todo o passado e à hostilidade para com a História. Agora, uma nova atitude perante a vida, a necessidade de viver, deverá determinar uma reavaliação também do passado, com a concomitante mudança na maneira de se considerar a História. E, dominando a primeira como a segunda destas

---

(35). — Pp. 309-310.

(36). — A edição de 1942 é a da Buechergilde, de Zurique. Cf. *Briefe*, p. 42.

fases, a convicção de que o tempo, não apenas não deve ser superestimado, mas ainda mais, é ilusório quando considerado de um ponto de vista superior, pois um momento contém tôda a eternidade. Para a legítima compreensão, talvez pudéssemos dizer, para a transformação dêste princípio num valor efetivo para a vida, é indispensável, por sua vez, a penetração dos valores humanos válidos em qualquer momento e, daí, a inevitabilidade do recurso à História para encontrá-los. Sempre fornecendo pròdigamente informações acêrca de seu roteiro espiritual, em 1925 Hesse confessa-nos que, desde muito, já se orientara neste sentido, confirmando, assim, a existência de um paralelismo de atitudes para com a História; tal paralelismo, bem entendido, freqüentemente cede lugar a um conflito entre as duas posições. Na sua *Breve autobiografia* é que lemos o seguinte:

“Na verdade, logo notei que, no plano espiritual, uma vida no puro presente, em contacto sòmente com o moderno e o moderníssimo, é intolerável e insensata, que unicamente a constante relação com o passado, com a História, com o antigo e o antiqüíssimo está em condições de possibilitar uma vida espiritual (37)”.

Caminhamos, assim, para a visão da História como proporcionadora de elementos positivos para a satisfação de exigências espirituais, para a solução dos problemas originados do choque entre o espírito e o mundo; mais uma vez, com facilidade, ajustamos o pensamento de Hesse ao ponto de vista de Nietzsche: a História deve servir à vida para ser digna de ser levada em conta. Sem a experiência da vida, sem o total aproveitamento da oportunidade a nós conferida pelo destino, jamais será possível uma legítima avaliação da História como fonte de valores efetivos; sem o recurso à História, por sua vez, jamais estaremos em condições de solucionar os problemas que surjam ao espírito na sua peregrinação pelo mundo. Viver, porém, é o requisito inicial. O *Lobo da estepe* sofre, em grande parte, por ter tentado saltar as etapas, e daí o seu julgamento e sua sentença à vida. Ora, parece-nos existir no *Lobo da estepe* todo um programa, desenvolvido por Hesse nas suas obras subsequentes. Em *Narziss und Goldmund*, de 1930, temos o preenchimento da deficiência de Harry Haller com a peregrinação de Goldmund pela existência. É o homem que sai pelo mundo para aceitar todo o tipo de experiências que se lhe deparem. Nômade, inconstante, só o orienta o princípio da realização de si mesmo através da ação. Não é o tipo espiritual, mas o tipo vital em plena florescência. Uma vez esgotada sua capacidade de vivência, está

(37). — *Kurzgefasster Lebenslauf*, in *Traumfaherte*, p. 101.

pronto para a morte e morre de boa vontade, deixando seu companheiro, Narziss, cujos problemas eram de natureza diferente e que reapareceria sob outro nome mais tarde, noutra obra de Hesse.

Já a obra seguinte, *Morgenlandfahrt* (1932), leva-nos ao campo do espírito, pois a viagem ao Oriente outra não é senão a busca de valores eternos capazes de conduzir o homem ao conhecimento de si mesmo, condição para participar do convívio dos imortais da poesia incluída no *Lobo da estepe*. A descrição da viagem é difícil, pois ela não se realiza apenas através do espaço, mas através do tempo.

“Viajávamos para o Oriente, mas também nos dirigíamos à Idade Média ou à Idade do Ouro, esbarrávamos na Itália ou na Suíça, por vêzes passávamos a noite no século X e morávamos entre os patriarcas ou as fadas (38). “...pois nosso objetivo não era somente o Oriente, ou melhor: nosso Oriente não consistia numa região ou em algo geográfico... mas era o em-tôda-par-te e o em-parte-alguma, era a unificação de todos os tempos (39)”. “...Minha felicidade consistia, efetivamente,... na liberdade de viver concomitantemente tudo que jamais possa ter sido imaginado,... em deslocar tempo e espaço como se fôsem bastidores de teatro (40)”.

O tempo, novamente, e novamente a preocupação com a História. O personagem que narra a viagem ao Oriente, apresentado agora sob o próprio nome do autor, resolve ser o historiador do acontecimento, fazendo, inclusive, reflexões expressas relativas ao trato com a História, como se vê:

“Penso que o mesmo acontece a cada historiador, quando principia a se ocupar dos acontecimentos de um período e tem realmente a intenção de ser fiel à verdade. Onde se encontra o ponto médio dos eventos, algo de comum a todos, que permita achar-se uma base geral de referência e que possibilite a ligação de tudo? Para surgir algo como coerência, como causalidade ou como sentido, para que, de maneira geral, qualquer coisa na terra possa ser narrada, o historiador deve inventar unidades: um herói, um povo, uma idéia, fazendo acontecer em função destas unidades inventadas aquilo que, na realidade, se passou num plano indeterminado (41)”.

---

(38). — *Morgenlandfahrt*, p. 30.

(39). — *Idem*, p. 31.

(40). — *Idem*, p. 42.

(41). — *Idem*, pp. 50-51.



Ou seja, em poucas palavras: o historiador tende sempre a dar um sentido a acontecimentos sem sentido para êle, porque não pode vivê-los (42). Neste caso, então, a libertação do tempo, a capacidade de sentir num momento tôda a eternidade, é que seria necessária a um legítimo historiador; confundir-se-ia êle, assim, com o poeta. A História, aí, surgiria investida de função altamente nobre, tal seja a de proporcionar ao homem a chave para a atribuição de um sentido à própria vida, na qual se condensam todos os tempos. E é o que Hesse nos diz, ainda:

“No meu plano de escrever uma espécie de História da viagem ao Oriente havia, acima de tudo, um objetivo: o de salvar a vida, na medida em que se lhe attribuisse novamente um sentido (43)”.

Outras considerações relativas à História encontram-se ainda nesta pequena novela. Deixâmo-las de lado, porém, não só em virtude do caráter obscuro da obra em questão, mas também porque, anos depois, Hesse, com o *Glasperlenspiel*, deu-nos de maneira clara o seu último ponto de vista frente ao problema da História. Deparamos aí com um esforço de representação da vida num ambiente onde a grande finalidade é o cultivo ao máximo apenas dos valores espirituais. Mais uma vez, a novela se passa em meio a uma indeterminação do tempo, num futuro aparentemente incerto, mas — parece-nos — realmente num plano atemporal, pois, à semelhança do que se verifica no *Lobo da estepe*, personagens de fases distintas são chamados a figurar, embora sob nomes supostos. Os anexos ao romance pròpriamente dito, ou seja, os escritos deixados pelo personagem principal e acrescentados ao texto, tornam ainda mais intensa a preocupação de superar o tempo. De fato, além de algumas poesias, contém-se aí as três encarnações, ou seja, três existências do personagem em épocas diferentes: entre populações primitivas, nos primeiros séculos do Cristianismo e na Índia antiga. Portanto, capacidade de viver, num mesmo momento, em fases diferentes, capacidade de sentir tôdas as épocas, de sobrepor-se ao tempo e ao espaço, de vibrar, independentemente dêles, com todos os homens que jamais existiram (44). A passagem pelas encarna-

---

(42). — Cf. Nietzsche: *Meine Art, Historisches zu berichten, ist eigentlich, eigene Erlebnisse bei Gelegenheit vergangener Zeiten und Menschen zu erzehlen. Nichts zusammenhängendes: einzelnes ist mir aufgegangen, anderes nicht. Unsere Litteraturhistoriker sind langweilig, weil sie sich zwingen, ueber alles zu reden und zu urtheilen, auch wo sie nichts erlebt haben. (Aus der Zeit des "Menschlichen, Allzumenschlichen", Gesammelte Werke, IX, p. 453).*

(43). — *Morgenlandfahrt*, p. 64.

(44). — Dentre as diversas passagens de Hesse em que se manifesta esta idéa, lembremos uma poesia, das mais celebradas, aliás, pela sua beleza e profundidade: *Floetenspiel*.

ções, essa é a nossa impressão, surge como condição essencial para que se atinja o mundo dos valores espirituais puros. Tais encarnações, contudo, surgem como anexos, não fazem parte do romance propriamente dito. O que temos no corpo da novela é o personagem Josef Knecht, chegando ao domínio dos valores espirituais no seio de uma ordem fechada ao mundo e deslocada no tempo. Sentimos vontade de supor tratar-se, aqui, da realização do sonho de Harry Haller, o que nos levaria de novo ao *Lobo da estepe* como momento decisivo da evolução espiritual de Hesse. Tôdas as condições pessoais e materiais oferecem-se ao personagem, para obtenção do objetivo último contido na poesia consagrada aos imortais. Seria isto possível, entretanto? — Compreender-se-ia a total realização de um destino com a superação do tempo, sem a anterior experiência do tempo? — Mais ainda: sem a prévia experiência do tempo no presente e no passado? Enfim: como poder chegar à eternidade sem antes sentir todos os tempos, que acabam por se confundir mediante uma contínua inter-relação e que se condensam, todos, todos, num único momento da existência? — Para nós, a resposta é negativa, e encontramos no próprio Hesse apôio para tal posição, com os seguintes versos, incluídos numa poesia do espólio de Josef Knecht:

“Alegremente devemos atravessar etapa após etapa, a nenhuma nos prendendo como se fôsse um lar. O espírito do mundo não quer prender-nos e estreitar-nos, mas quer nossa ascensão, degrau após degrau” (45).

Quem se feche à vida, assim, fecha também a porta para o aperfeiçoamento de seus valores. A vida no passado inclui-se aí, através do que talvez possamos chamar plasticidade do tempo; e esta vida no passado outra coisa não é senão a História. A História é indispensável, então, para a formação espiritual, mas não qualquer

---

*Ein Haus bei Nacht durch Strauch und Baum  
Ein rotes Fenster gluehen liess,  
Und dort, im unsichtbaren Raum.  
Ein Floetenspieler stand und blies.  
Es war ein Lied se altbekannt,  
Es floss so guetig in die Nacht,  
Als waere Heimat jedes Land,  
Als waere jeder Weg vollbracht.  
Es war der Welt geheimer Sinn  
In seinem Atem offenbart,  
Und willig gab das Herz sich hin  
Und alle Zeit ward Gegenwart.*

(in *Gedichte*, p. 417).

(45). — *Stufen, Glasperlenspiel*, II, p. 257 e *Gedichte*, p. 419:

“Wir sollen heiter Raum um Raum durchschreiten,  
“An keinem wie an einer Heimat haengen,  
“Der Weltgeist will nicht fesseln uns und engen,  
“Er will uns Sulf’ um Stufe neben, weiten”.

História: apenas aquela que possa servir à vida, à qual todos nós devemos servir, conforme nos diz o próprio nome do personagem de *Glasperlenspiel*: *Knecht*, servo, servidor. Nietzsche, assim, ainda uma vez. Mas agora na companhia de alguém muito importante para o seu próprio roteiro (46), bem como para o de Hesse: Jacob Burckhardt, sob cuja influência o poeta confessa estar submetido e a quem considera como

“o único historiador realmente digno de confiança, respeito e gratidão de um discípulo (47)”.

Ora, no *Glasperlenspiel*, *Knecht* vai passar algum tempo num mosteiro beneditino, Mariafels, e lá encontra justamente a pessoa que mais o ajuda a formular suas dúvidas acerca do êxito da ordem à qual pertencia. Pater Jakobus, chama-se esta pessoa, ou seja, Jacob Burckhardt. Isso, aliás, se não estivesse suficientemente transparente, ser-nos-ia ainda dito expressamente numa carta em que, tratando da utopia do *Glasperlenspiel*, Hesse assim se manifesta:

“O sentido e o valor íntimo dêste mundo é representado por Josef Knecht quando jovem e enquanto mestre da Ordem, ao passo que o Knecht mais velho, já preparado pela História, corporifica a idéia da relatividade e da transitoriedade até mesmo do mais ideal dos mundos. Que Knecht pudesse chegar a tal conclusão, isto êle o deve ao mestre Jakobus, e que eu pudesse, ao mesmo tempo, encarar minha utopia na sua relatividade, devo-o àquêle Jakobus, segundo o qual o Pater recebeu seu nome: Jacob Burckhardt (48)”.

Para *Knecht*,

“o contacto com o historiador e seu preparo por êle, então iniciado, surgia como uma nova etapa no caminho do despertar, sempre que refletia acerca de sua vida. Em poucas palavras: por intermédio do Pater coube-lhe conhecer a História, o que há de legítimo e de contraditório em seu estudo e na sua composição; acima disto, nos anos seguintes, aprendeu a ver o presente e a própria vida como realidade histórica (49)”.

A crítica à utopia dos valores espirituais cultivados de maneira absoluta é desenvolvida com bastante clareza:

“Imaginasteis uma História Universal distilada, composta apenas de História do espírito e da arte, vossa His-

(46). — Cf., p. ex., *Gedanken und Entwuerfe zu der Betrachtung: Wir Philologen*, in *Gesammelte Werke*, VII, p. 200.

(47). — *Krieg und Frieden*, p. 16. Cf. *Gedenkblaetter*, pp. 75-76.

(48). — *Briefe*, p. 226.

(49). — *Glasperlenspiel*, I, 256.

tória é destituída de sangue e de realidade... Trata a História Universal como um matemático procede com a matemática, em que só existem fórmulas e leis, mas realidade alguma, nada de Bem ou Mal, tempo algum, nenhum ontem, nenhum amanhã, somente um presente matemático, eterno e plano (50)".

Reconhece-se aí, sem dúvida, a tentativa de fuga do tempo, sobre a qual tanto insistimos; e também a confissão do significado da História para trazer o poeta à realidade, preparando-o para a solução de seu problema: não a fuga, mas a superação do tempo, depois de ter dele tomado plena consciência; através da necessidade de viver. O trecho seguinte ao que há pouco mencionamos informa-nos a respeito, mediante novas considerações relativas à História:

"O trato com a História, meu caro, não é brincadeira, nem se compara a um jogo sem responsabilidade. Ocupar-se da História pressupõe saber-se que se procura atingir algo impossível e, não obstante, indispensável, altamente importante. Dedicar-se à História significa: entregar-se ao caos sem perder a fé na ordem e no sentido das coisas. Trata-se de tarefa muito séria, provavelmente, mesmo, de uma tarefa trágica (51)".

Não duvidamos de se aplicarem tais palavras também à vida, considerada como problema a ser resolvido. Mesmo porque, junto a Jakobus,

"Knecht não somente adquiriu uma visão de conjunto dos meios e dos métodos de conhecimento histórico e da pesquisa; não só praticou os primeiros exercícios de sua aplicação, mas, além disso, conquistou e viveu a História, não como ramo de estudo, mas como vida, e a isto corresponde a transformação, a elevação da vida própria, pessoal, para o plano histórico (52)".

E temos a impressão, novamente, de ter sido êste o caminho não encontrado pelo *Lobo da estepe*. Sentenciado à vida, caber-lhe-ia, então, aprender a viver nestas condições para passar pelo plano histórico, sem o qual não atingiria a esfera dos valores espirituais puros, independentes das contingências temporais. Confrontado com as forças históricas, e agora é o próprio Burckhardt que

---

(50). — *Idem*, I, 258. Cf. Burckhardt, *Weltgeschichtliche Betrachtungen* (ed. Kroener), pp. 23, 25, onde se lê o seguinte: *Hohe Verfeinerung der Gesellschaft und des Staates besteht neben voelliger Garantielosigkeit des Individuums und neben bestaendigem Triebe, andere zu knechtern, um nicht kon ihnen geknechtet zu werde*.

(51). — *Glasperlenspiel*, I, p. 259. Cf. Nietzsche, *Ges. Werke*, VII, p. 200: "*Wer nicht begreift, wie brutal und sinnlos die Geschichte ist, der wird auch den Antrieb nicht verstehen, die Geschichte sinnvoll zu machen*".

(52). — *Glasperlenspiel*, I, p. 297.

nos fala, freqüentemente o indivíduo contemporâneo delas costuma sentir-se abandonado pelas energias. Poucos dêstes contemporâneos conquistam uma posição de ponto de Arquimedes, fora do processo em curso, conseguindo “superar espiritualmente” as coisas; neste caso, talvez não seja grande sua satisfação, pois não lhes será fácil escapar a um sentimento de melancolia, por terem deixado que todos os outros prestassem serviços, enquanto êles se isolavam. Apenas mais tarde o espírito libertar-se-á completamente e pairará sôbre um tal passado (53). Por isto, provavelmente, é que Pater Jakobus aconselha Knecht a nunca ser infiel à História (54), como meio de integração no mundo e na vida, como instrumento de preparação para a legítima liberdade espiritual.

“Knecht, à vista disto, aprofunda-se na História da ordem mesma do *Glasperlenspiel*, passando a dominar sua origem e seu desenvolvimento, sentindo-a como a um ser histórico subordinado ao tempo, batido e abalado pela sua fôrça. Este acordar para o sentimento vivo do fluxo histórico; esta sensação da própria pessoa e de sua atividade como uma célula, participante e concomitantemente impelida pela corrente do vir-a-ser e da constante transmutação (55), chegou nele à maturidade e atingiu sua consciência através de seus estudos históricos e sob a influência do grande Pater Jakobus. Mas as bases e os germes dêste processo já existiam desde muito, e quem souber encarar a personalidade realmente viva de Josef Knecht, quem seguir de fato as peculiaridades e o sentido desta vida, descobrirá sem esforço tais bases e tais germes (56)”.

Hesse, ainda, acaba por confirmar, como dissemos acima, a existência em si de uma inclinação para a História como elemento indispensável para a realização pessoal.

“As grandes obras do espírito, comparáveis a verdadeiros saltos, partindo da esfera temporal para fora dos tempos, nada mais são do que resultados finais, resultados últimos de uma luta pela libertação e pela depuração. Mas, para chegarmos a elas, precisamos antes da realidade, pois ninguém vive apoiado apenas em abstrações. E, sôbre os diversos ramos do conhecimento, apresenta a História ao menos uma vantagem: seu objeto de estudo é a realidade (57)”.

(53). — *Weltgesch. Betrachtungen*, pp. 8-9.

(54). — *Glasperlenspiel*, I, 312.

(55). — Não se falando em Nietzsche, com quem a relação é evidente, lembremos Burckhardt, (*Weltgesch. Betr.*, p. 26: “das Wesen der Geschichte ist die Wandlung”) e Goethe (*Faust*, II, 6287-88: “Gestaltung, Umgestaltung, des ewigen Sinnes ewige Unterhaltung”).

(56). — *Glasperlenspiel*, I, 418.

(57). — *Glasperlenspiel*, I, 441.

Pensamos aqui em nada falsear o pensamento do poeta, se dissermos: seu objeto de estudo é a vida. Continuando nas suas considerações relativas à ordem do *Glasperlenspieler*, assim se expressa Knecht:

“Esquecemo-nos, antes de tudo, de que nós próprios somos um pedaço da História, algo de sentenciado à morte desde que perca a capacidade de ajuste a novos processos e a novas transmutações. Nós somos também História, somos co-responsáveis pela História Universal e pela posição que nela ocupamos (58)”.

Com tais palavras, que sentimos aplicáveis também ao homem considerado como indivíduo, em busca de uma solução para o problema da vida, acreditamos chegar ao fim de todo o roteiro do poeta nas suas relações com a História. Nós próprios somos História. Em nós, assim, reflete-se e condensa-se todo o passado, e em cada um de nós há força para vibrar juntamente com toda a humanidade. Permanece, sem dúvida, a ânsia de uma solução definitiva da condição humana. Mas, agora, com a consciência de que esta solução se encontra justamente na permanente adaptação à ininterrupta corrente da existência:

“Nenhum ser nos é concedido. Somos apenas correnteza,  
“Ajustamo-nos espontaneamente a todas as formas:  
“Ao dia, à noite, à caverna, à catedral,  
“Atravessamos tudo, impelindo-nos sempre a sede de ser.

“Ainda um dia igualar a própria pedra! Durar, um dia!  
“Para isto se orienta sempre ansiosa nossa aspiração,  
“E eternamente nunca ultrapassa um temeroso calafrio,  
“E nunca nos permite um descanso durante a caminhada  
(59).

---

(58). — *Idem*, II, 116. Cf. Nietzsche, *Aeusserungen zu einigen Hauptgedanken des Zarathustra*, in *Ges. Werke*, XIV, p. 131: “Weisst du das nicht? — In jeder Handlung, die du thust, ist alles Geschehens Geschichte wiederholt und abgekuerzt”. *Idem*, in *Ges. Werke*, XVI, p. 9: “Wir glauben an das Werden allein auch im Geistigen, — wir sind historisch durch und durch” (*Aus dem Nachlass: Studien aus der Umwerthungszeit*).

(59). — *Klage*, in *Glasperlenspiel*, II, p. 241 e *Die Gedichte*, p. 380:  
“Uns ist kein Sein vergoent. Wir sind unr Strom,  
“Wir fliessen willig allen Formen ein:  
“Dem Tag, der Nacht, der Hoehle und dem Dom,  
“Wir gehen hindurch, uns treibt der Durst nach Sein.

.....  
“Einmal zu Stein erstarren! Einmal dauern!  
“Danach ist unsere Sehnsucht ewig rage,  
“Uns bleibt doch ewig nur ein banges Schauern,  
“Und wird doch nie zur Rast au unserem Wege.

Todo o esforço espiritual de Hesse, no sentido de libertar-se do tempo e do mundo, todo o esforço de chegar além do Bem e do Mal, acaba por levá-lo à certeza de estar indissolúvelmente ligado ao mundo e à História. Fecha-se o círculo, assim, de fuga e de retorno, após toda uma peregrinação em busca de valores absolutos. E a convicção do homem histórico, no fim de contas, revela-se como o resultado final de toda a aventura: viver realmente a vida e o mundo, sentir todos os tempos durante o momento que nos é concedido, sofrer, lutar, vibrar com toda a humanidade do presente e do passado, eis o real caminho para a libertação do espírito e para a solução do problema humano (60).

**PEDRO MOACYR CAMPOS**

Professor adjunto da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

---

Cf. Goethe, *Faus*, II, 8094-97:

*"Sind's Menschenstimmen, die mein Ohr vernimmt?*

*"Wie es mir gleich im tiefsten Herzen grimmt!*

*"Gebilde, strebsam, Goetter zu erreichen,*

*"Und doch verdammt, sich immer selbst zu gleichen.*

(60). — As obras cuja Editôra não é indicada nas notas pertencem à série editada pela firma Fretz & Wasmuth. Exceptuam-se *Briefe*, *Peter Camezind* e *Gedenkblaetter*, da casa Suhrkamp.